

"A EVANGELIZAÇÃO E AS CULTURAS"
VI Assembléia Geral da SOTER
(Sociedade de Teologia e Ciências da Religião)

J. B. Libanio S. J.

Reuniu-se em Belo Horizonte, entre os dias 3 e 6 de julho de 1990, a VI Assembléia da SOTER. A temática tratada versou sobre a Evangelização e as Culturas. Os participantes eram mais de 100, já com uma presença bastante significativa de leigos, dedicados à área, quer estritamente teológica, quer de cultura religiosa ou afins. Cada nova reunião aparecem novos rostos, mostrando o crescente interesse que a teologia tem despertado. Como sempre, sente-se naturalmente a ausência de muitos dos renomados teólogos do país, que certamente não conseguem encaixar tal reunião nos seus programas.

A importância de tais assembleias vai além do estudo de determinada temática. Com efeito, a consciência coletiva somente consegue crescer no e através de encontros, onde circulem idéias que a cimentem. No ir e vir das palavras, quer em discussões formais com o conferencista, quer nos grupos, quer nos intervalos, vai-se firmando uma consciência entre a maioria dos teólogos de pontos fundamentais para sua prática teológica na atual conjuntura eclesial.

E as assembleias têm sido verdadeiro fórum de liberdade onde os pensamentos são expostos com clareza, coragem, em contínuo entrecchoque com outras posições. A experiência do pluralismo adquire carne e educa a evitar posições absolutistas e monopolistas. Só por esse efeito, essa assembleia vale. Tem contado sempre com discreta presença de algum bispo da Comissão Episcopal de Doutrina da CNBB. Neste ano, estiveram D. Valfredo Teppe e D. Eusébio Scheid.

Na primeira noite do dia 3, iniciando tematicamente o Encontro, o prof. *Rogério do Valle*, engenheiro, com doutorado de sociologia em Paris, fez sucinta, lúcida e clara exposição sobre a conjuntura econômica e política, quer em nível internacional, quer nacional. No final, apontou para os teólogos algumas tarefas decorrentes de tal conjuntura. Nessa crise da racionalidade 'estratégica' ou 'instrumental', na seqüência

do pensamento de J. Habermas, perguntava-se o conferencista pela contribuição da teologia, sobretudo da libertação (TdL). Mostrou o limite de ela ainda estar presa a uma concepção, hoje inaceitável, da teoria da dependência das décadas de 60/70. A atual conjuntura mundial, como ele antes mostrava, vai na direção da formação de três grandes blocos econômicos — USA, Canadá e parcialmente México; Europa; Japão e parceiros asiáticos —, ficando o Terceiro Mundo como 'continentes sobranes', fadados a um desenvolvimento fragilizado. A TdL vê-se desafiada a elaborar novas formas de mediações sócio-analíticas, no sentido estrito do termo: isto é, de uma apropriação teológica do resultado das análises sociais.

O P. *Alberto Antoniazzi* ocupou toda a manhã do dia 4, seja em exposição, seja em discussão com os membros da assembléia, tratando da missão da Igreja na evangelização das culturas. A ótica foi da teologia pastoral. O conferencista defende, em discordância com muitos sistemas acadêmicos de teologia, inclusive o nosso, que a teologia pastoral deve ocupar um lugar próprio como matéria, conteúdo. Não basta dizer que toda teologia é pastoral e que toda pastoral deve ser teológica. Faz-se necessária uma abordagem especificamente pastoral.

A apresentação valeu mais pelo alerta e pela forma incisiva que deu ao problema da crescente distância, que a atual orientação pastoral da Igreja vem provocando, entre a Igreja como instituição e a cultura moderna ou pós-moderna, tanto nas suas formas esclarecidas, como populares. Quanto ao conteúdo teórico, não apresentou novidade além do já debatido nas inúmeras reuniões do Instituto Nacional de Pastoral ou de outros grupos. Contrapôs de modo cortante uma dupla concepção de relação Igreja x mundo. Uma mais vazada na relação Igreja-hegemonia, Igreja-instituição e sociedade, outra Igreja-testemunho, Igreja-comunidade. Nesse sentido, criticou uma politização da Igreja num sentido mais amplo de querer evangelizar por meio de instituições, antes que pelo testemunho e presença.

A meu ver, a palestra, mais carregada de novidade para nós teólogos, foi feita no segundo dia pela antropóloga *Regina Novaes*, sobre evangelização e cultura sob o enfoque antropológico. Dedicou bom tempo definindo, sob o ângulo da antropologia, o conceito de cultura, situando-o no contexto em que tal ciência nasceu. Protesto contra uma expansão colonialista e etnocentista do capitalismo europeu, valorizando as culturas diferentes, o exótico, as regras de jogo do mundo social de cada grupo humano, a unidade profunda que existe entre a ação e sua significação, representada e expressa em símbolos, gestos, ritos, etc.

Articulou muito bem a reflexão teórica com sua prática de assessoria a pastorais de Igreja, com interessantes *insights* para os teólogos, sobretudo no sentido de perceber melhor a significação, o valor, o diálogo ou os riscos, a dominação, as imposições em encontros culturais, de cuja natureza participa a evangelização.

No terceiro dia, *J. Comblin*, de forma provocante, mostra como ao longo de toda a história do cristianismo e de modo mais dramático no Ocidente, se travou uma luta entre um modelo de evangelização que entra pela via do poder, dos poderosos, das forças dominantes e outro que segue a via dos pobres, dos marginalizados. Ainda que o primeiro modelo tenha triunfado ao longo da história do Ocidente, têm havido irrupções do segundo modelo. Em termos de América Latina, Medellín significou uma retomada do segundo modelo. Entretanto o atual projeto do CELAM é a inculcação do primeiro modelo.

Os debates procuraram matizar certas afirmações provocantes, tentando mostrar como na história os modelos não se apresentam de modo tal delimitados, como uma exposição, por razões didáticas e óbvias, traça. Mas no fundo, tais simplificações tocam, na verdade, um ponto da realidade, que frequentemente fica mascarado no entrelaçado da complexidade histórica.

Numa das noites, houve um painel sobre a *Instrução da Congregação para a Doutrina da Fé* sobre a vocação eclesial do teólogo. O documento fora, naturalmente, escrito a partir da ótica do magistério e dentro da natureza de orientações normativas. Da exposição dos quatro painelistas — *Cleto Caliman, Vitor Feller, J. Comblin e J. B. Libânio* —, apareceu claro que o documento fizera uma opção administrativo-pastoral. Toda sua estrutura está ordenada ao quarto capítulo que trata da colaboração e da dissensão entre magistério e teologia. E a colaboração está vista muito mais no sentido de um serviço submisso dos teólogos que de um diálogo provocativo. E nos parágrafos do dissenso, o peso cai mais sobre o silêncio e a obediência que sobre a aceitação e convivência do pluralismo.

Um dos painelistas chamou a atenção para a mudança de opção em relação ao Concílio Vaticano II. Lá, as decisões nasceram de um consenso beirando a unanimidade. E enquanto não se chegava a tal, não se tomavam decisões e quando tal consenso se fazia impossível, deixava-se a questão aberta. A opção dessa Instrução é de que não se pode esperar criar tal consenso ou unanimidade, já que se impõem graves providências a fim de proteger a fé do povo de Deus. Parece que por detrás da Instrução estão fatos bem concretos, sobretudo referentes às manifestações de teólogos europeus, não a respeito de verda-

des teológicas ou dogmáticas, mas de decisões administrativas da Igreja, tais como nomeações de bispo, intervenções em certas instituições, etc.

O painel, infelizmente, teve um tempo bem limitado, por ser já de noite. Teve prosseguimento, porém, através de debates em grupos menores. Entretanto ficou uma impressão geral de que se vive uma conjuntura eclesial difícil a respeito do exercício da liberdade, da criatividade, da participação crítica no interior da Igreja.

Na parte da tarde, nos três dias de encontro, os participantes se dividiram em quatro grupos por área de interesse para discutir a palestra da manhã. Estas áreas foram: mundo do trabalho, os desafios da cidade, as etnias e a presença feminina. Naturalmente, os relatórios apresentados no plenário não conseguiam traduzir a riqueza e complexidade das discussões. Os principais beneficiários foram os membros de cada grupo. Se tal metodologia propiciou mais facilidade de debate, fez que nem todos pudessem participar das reflexões feitas nos grupos. Mesmo assim tal divisão pareceu positiva.

Para o ano que vem, o tema escolhido foi uma 'avaliação dos últimos vinte anos da teologia da América Latina'. A assembléia será eletiva. Doravante a presidência será por três anos. Goiânia foi escolhida como sede do encontro a ser realizado a partir da noite de 9 até ao jantar de 12 de julho de 1991. Fica sempre a esperança de que este fórum de discussão, de reflexão, continue a contribuir para o melhor desempenho da missão do teólogo na Igreja e no mundo.

João Batista Lbânio S. J. é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Professor de Teologia na Faculdade de Teologia do CES (Belo Horizonte, MG) e diretor da mesma Faculdade. Foi o primeiro presidente e um dos fundadores da SOTER. Entre suas obras destacam-se: *As grandes rupturas sócio-culturais e eclesiais*, 1980; *Pastoral numa sociedade de conflitos*, 1982 (ambos pela Ed. Vozes, Petrópolis); *A volta à Grande Disciplina*, 1983; *Fé e política*, 1985 (ambos pelas Ed. Loyola, São Paulo); *Escatologia cristã*, escrito em conjunto com Maria Clara L. Bingemer (Ed. Vozes, Petrópolis, 1985); *Teologia da Libertação: roteiro didático para um estudo*, 1987; *Utopia e esperança cristã*, 1989 (ambos pelas Ed. Loyola, São Paulo); *Deus e o homem: seu encontro* (Ed. Vozes, Petrópolis, 1990).

Endereço: Caixa postal 5047 – 31611 – Belo Horizonte – MG